

AS RELAÇÕES DISCURSIVAS NO CONTO “O ALIENISTA”

Oton Magno Santana dos Santos
Mestre em Letras – Universidade Estadual de Santa Cruz/Ilhéus-BA
(otonmagno@gmail.com)

RESUMO: Investigação sobre as relações de poder, discurso e ideologia no conto “O Alienista”, de Machado de Assis. Na referida narrativa, os processos culturais ali representados oferecem um leque de possibilidades no que tange à compreensão e o reconhecimento de práticas políticas e manifestações de poder. O objetivo deste trabalho é discutir a diversidade de elementos os quais se relacionam, dialeticamente, na confecção dos termos que norteiam este estudo, destacando as complexidades, que surgem à medida que as relações sociais e políticas se criam e se intensificam. Para alcançá-lo, serão estudadas concepções estruturais das representações aqui mencionadas, cuja função seria entender as configurações que se constroem entre os indivíduos, fazendo-nos refletir acerca dos papéis desempenhados em sociedade e como reagimos em tal esquema. Pesquisadores como Nestor Garcia Canclini (2007), Linda Hutcheon (1991), Roger Chartier (1988) e Michel de Certeau (2003) fundamentam as reflexões presentes neste trabalho.

Palavras-chave: Poder; Cultura; Discurso

ABSTRACT: Research on the relations of power, discourse, and ideology in the tale "O Alienista" by Machado de Assis. In that narrative, the cultural processes represented offer a range of possibilities when it comes to understanding and recognition of political practices and expressions of power. The aim of this paper is to discuss the diversity of elements which are related dialectically, in the construction of the terms that guide this study, highlighting the complexities that arise as social and political relations are created and intensified. To achieve it, it will be studied the structural conceptions of the representations mentioned, whose function would be to understand the relations that are built between individuals, making us reflect on the roles played in society and how we react in such a scheme. Researchers such as Nestor Garcia Canclini, Linda Hutcheon, Michel Foucault, Roger Chartier, and Michel de Certeau ground the reflections in this work.

Keywords: Power; Culture; Discourse

O conto “O Alienista”, de Machado de Assis faz parte da coleção Papéis avulsos, publicada em 1882. Narra a história de Simão Bacamarte, um médico que se dedica ao estudo da loucura. Com o seu prestígio para constrói um hospício em Itaguaí, cidade fictícia do interior do Rio de Janeiro, tendo por objetivo prestar um serviço à ciência e à comunidade. Ao longo da história, diversas e surpreendentes atitudes do médico aguçam a curiosidade e provocam os moradores da tal cidade. No entanto, suas atitudes mesmo que discutíveis se justificam sempre em nome do

fortalecimento científico, tendo por base o discurso legitimado e a posição social do alienista.

De uma forma exacerbada, Simão Bacamarte expõe em fortes tintas a supremacia da ciência em relação a qualquer tentativa de explicação dos fenômenos naturais. Trata-se da consolidação de uma relação que envolve poder, discurso e ideologia a serviço do pensamento científico. É a partir desta observação que norteamos este estudo, visando entender o estabelecimento dos papéis sociais, como eles se definem e como atuam dentro de uma determinada sociedade.

Aparentemente, o tema predominante na obra em estudo é a loucura. Por outro lado, no decorrer da narrativa percebemos certa precipitação na definição de tal posicionamento. Entendemos que o referido tema não se reduz ao conceito que representa; ao contrário, ilumina outras visões que dão margem a várias possibilidades de abordagem das questões presentes no conto. Uma dessas visões se refere aos discursos presentes nas falas do narrador.

Já no início da narrativa, percebemos um comportamento diferente em duas atuações do narrador. No primeiro caso, a postura é mais distante; a escolha dos termos, bem como a disposição dos mesmos nas orações que se seguem sugere um discurso do ouvi dizer, ao invés de afirmar. Atribui a autoridade do narrado a um sujeito plural praticamente indeterminado; além disso, sugere certa elaboração mental das características do personagem em voga, as quais provocam, dessa forma, concepções de juízo de valor ao objeto da narrativa, isto é, Simão Bacamarte.

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo El-rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia (MACHADO DE ASSIS, 1998, p. 01).

Em outra passagem, a relação de proximidade com o objeto narrado se acentua; temos, então, a ideia de que se trata de outro narrador ou é o mesmo narrador utilizando outro discurso revestido de outros componentes os quais são essenciais para a confecção de sua matéria.

Dito isto, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e

demonstrando os teoremas com cataplasmas. Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática (MACHADO DE ASSIS, 1088, p. 02).

O narrador, na passagem acima, abandona a postura distante e assume seu envolvimento com a história, seja pela escolha das expressões próximas às da fala, seja pela velocidade ou agilidade com que conduz a narrativa. Além disso, no trecho em destaque, percebe-se certa familiaridade entre o ser que conta as histórias e os fatos narrados.

Há dessa forma, uma alternância entre os discursos do narrador, os quais influenciarão no modo como as histórias serão contadas. A partir daí, temos um ser que irá nos fornecer o material essencial para esta análise. Portanto, conscientizamo-nos de que nosso estudo será pautado nas informações fornecidas por um narrador, cuja imagem remete a apanhar um peixe com as mãos.

Muitas discussões acerca da concepção de cultura, dos seus objetos e das suas configurações são propostas na contemporaneidade. Preferimos adotar a expressão cultura como processo e não como conceito, uma vez que no texto aqui estudado, as manifestações culturais oscilam conforme a sociedade se transforma. Desse modo, a sociedade e aquilo que ela transforma configuram-se em processo culturais, conforme acentua Canclini (2007, p. 41): “a cultura apresenta-se como processos sociais, e parte da dificuldade de falar dela deriva do fato de que se produz, circula e se consome na história social”.

Na narrativa machadiana, Itaguaí é pintada como uma típica cidade do interior do Brasil. Por isso, o espanto e a devoção ao filho mais ilustre da terra. Quando as obras da casa verde são concluídas, a cidade festeja durante sete dias. Uma alusão aos sete dias que Deus teria utilizado para construir o mundo? Ou simplesmente a conta do mentiroso, no popular? Tanto faz. São sugeridas no conto em estudo representações da ciência e da religião. Entendemos que há um constante confronto entre essas duas visões dentro de um campo de batalha e este seria representado pela cultura local. Como resultado, temos uma população estupefata e indecisa, acostumada a práticas deterministas as quais geralmente propõem conceitos do que é certo ou do que é errado.

A data precisa dos acontecimentos narrados em “O alienista” não é fornecida, mas é possível perceber o período pelas pistas encontradas ao longo da história: estamos no século XIX; o regime político é a monarquia; no meio acadêmico, temos o crescimento e a conseqüente valorização do pensamento científico. Na história do conto, a pacata cidade se rende aos títulos e à sabedoria de Simão Bacamarte. Inicialmente apenas os indivíduos ditos loucos são trancafiados na casa de Orates. Com o passar do tempo, no entanto, os que apresentam certas manias, por menores que sejam, também são recolhidos ao templo. A população começa a se espantar quando as pessoas ricas são capturadas e após a prisão do albardeiro Mateus, um sujeito exibicionista, a população inquieta-se:

Cárcere privado: eis o que se repetia de norte a sul e de leste a oeste de Itaguaí, - a medo, é verdade, porque durante a semana que se seguiu à captura do pobre Mateus, vinte e tantas pessoas, - duas ou três de consideração, - foram recolhidas à Casa Verde. O alienista dizia que só eram admitidos casos patológicos, mas pouca gente lhe dava crédito. Sucediã-se as versões populares. Vingança, cobiça de dinheiro, castigo de Deus, monomania do próprio médico [...] (MACHADO DE ASSIS, 1998, p. 14).

A partir desse momento, a população experimenta uma situação nunca antes imaginada, pois sempre confiou seus destinos a alguma pessoa ou instituição. Nesse caso específico, mesmo que de forma inconsciente, a entrega aos ramos do saber se configura mais eficaz do que a entrega à religião; esta, representada na figura do padre Lópes caminha furtiva enquanto Bacamarte, representando as luzes da ciência expõe, garbosamente, cada vez mais seus discursos permeados de objetivos bem definidos, pautados na experiência.

Ao intensificar os ataques, o alienista provoca uma revolta comandada por um barbeiro insatisfeito com os rumos da história local. Algumas pessoas aderem ao propósito do tal barbeiro, mas a maioria não se posiciona até se certificar de que é possível vencer Bacamarte. O barbeiro passou a representar a autoridade que a população necessitava naquele momento. Conforme afirma Michel de Certeau (2003, p. 11) “(...) toda representação articula e exprime uma convicção, a qual funda, por sua vez, a legitimidade da autoridade”. Em outras palavras, a adesão dos cidadãos de Itaguaí só se estabelece quando a suposta autoridade do barbeiro é reconhecida pelos demais.

Por outro lado, assim que os rebeldes tomam o poder, destituindo a câmara de vereadores, são surpreendidos pela postura do seu líder. Ao invés de cumprir o que prometeu - destruir a Casa Verde - o barbeiro Porfírio propõe uma aliança ao alienista, negociando apoio mútuo para tocarem seus projetos. Esse fato surpreende tanto os seguidores da revolução quanto os que não a apoiavam. Encontramos, neste caso, certa relativização de conceitos morais, éticos e políticos, o que acaba provocando novas formas de representação.

A relação de representação é assim confundida pela ação da imaginação [...] que faz tomar o logro pela verdade, que ostenta os signos visíveis como provas de uma realidade que não o é. Assim deturpada, a representação transforma-se em máquina de fabrico de respeito e de submissão, num instrumento que produz constrangimento interiorizado, que é necessário onde quer que falte o possível recurso a uma violência imediata: só os homens de guerra não se mascaram dessa maneira, porque efectivamente o seu papel é mais essencial, eles se afirmam pela força, enquanto os outros o fazem por meio de dissimulações” (CHARTIER, 1988, p. 22).

Como o texto machadiano configura-se numa sátira, nem mesmo os que estão em guerra assumem postura verdadeira diante das questões que surgem. Tem-se a impressão de que o barbeiro estava com aquelas intenções o tempo todo ou que, inebriado pelo poder nunca antes experimentando, sucumbiu ao charme do próprio poder. Em outra passagem, após a decepção com Porfírio, outro rebelde, o barbeiro João Pina, assume o comando da revolução e o governo local, fato que dura pouco, uma vez que a ordem é logo restabelecida. Sagra-se apenas um vencedor: o alienista.

Com o prestígio assegurado, Simão Bacamarte ousa fazer novos experimentos mudando os seus conceitos. Agora, os doentes são aqueles que apresentam comportamentos ilibados e, portanto, são recolhidos à casa verde. Nem mesmo o barbeiro Porfírio escapa. Após ser derrotado, quando convidado a fundar outro movimento contrário ao alienista e à câmara, recusa-se terminantemente a participar. Como os critérios de loucura agora são outros, é trancafiado na Casa Verde, razão pela qual comenta: “preso por ter cão, preso por não ter cão” (MACHADO DE ASSIS, 1998, p.32).

A relativização das representações ilustra o desabafo do barbeiro. Trata-se da oscilação de pensamento que movimenta os comportamentos sociais. Além

disso, tais representações estão diretamente relacionadas à posição dos indivíduos e ao modo como se configuram em uma sociedade. A noção de representação,

[...] permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objectivadas graças às quais uns representantes (instâncias colectivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade (CHARTIER, 1988, p. 15).

Em relação à política, tem-se a impressão de que a história de Itaguaí tende à construção de um total simulacro. Embora haja apenas um intelectual na cidade, suas atitudes - sempre justificadas pelo discurso científico - acabam provocando a outrora pacata cidade, de modo a revelar as contradições e fragilidades daquele povo. Logo, em nome do bem-estar social, as pessoas incomodadas com as experiências postam-se contra o médico para depois apoiá-lo, visando a concretização de interesses pessoais.

No quesito relações interpessoais, o simulacro também se manifesta, especificamente em relação a duas personagens: a própria D. Evarista, esposa do alienista e o seu fiel amigo, o boticário Crispim Soares. A primeira supera a insatisfação com o casamento a partir do momento em que é presenteada com viagens e similares. O segundo, ao perceber a iminente queda de Bacamarte, omite-se ao invés de defender o amigo. Vale aqui a aparência ou a representação social legitimada por uma determinada sociedade. O indivíduo apega-se ao que possui, ao material e não o abandona em nome de nenhum tipo de relação afetiva.

O alienista não chega nunca a nenhuma conclusão, porque muda de foco o tempo todo; o narrador também muda seu foco jogando com as concepções do leitor do mesmo modo que o faz Simão Bacamarte com a população de Itaguaí. Assim como os habitantes daquela cidade, o leitor é conduzido a uma suposta conclusão que varia à medida que as teorias do médico se modificam.

Sobre as relações de poder, aparentemente, as vitórias estão sempre relacionadas ao representante da ciência, isto é, ao alienista. A sátira configura-se na simbologia do poder exacerbado, adquirido pelo pensamento científico de cunho

positivista e a algumas sugestões como a analogia entre a guerra dos canjicas e as revoltas pró-independência ou até mesmo as referências à Revolução Francesa. Tais fatos, dentro da fictícia história, levam-nos a refletir acerca da relativização de poder, os instrumentos utilizados para tal fim e a que atende: à ciência, à religião, à política, à vaidade humana? Primeiro, percebemos que o termo poder, assim como cultura, não é um fim, mas um meio, isto é, processo; logo, é vacilante. No texto em estudo, a oscilação do poder, mesmo satirizada, revela um quadro no qual alguns indivíduos experimentam tal estado e modificam seus comportamentos à medida que se percebem poderosos.

No entanto, ao observar o comportamento de tais sujeitos, entendemos que o poder por ser simbólico, exige alguns requisitos dos seus prováveis usuários. Um deles é a legitimidade do discurso. Por isso, as visões legitimadas na história, ao seu modo, asseguram a institucionalidade dos seus discursos. Ao ser interpelado pela rebelião, assim age Simão Bacamarte:

— Meus senhores, a ciência é coisa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-vos; mas, se exigis que me negue a mim mesmo, não ganhareis nada. Poderia convidar alguns de vós em comissão dos outros a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos nem a rebeldes (MACHADO DE ASSIS, 1988, p. 20).

Com a certeza e o poder do discurso, o alienista demonstra, com sua postura, que já esperava todas as atitudes dos revoltosos, afinal, o médico fazia questão de estudar minuciosamente todos os seus pacientes. Curiosamente, com todas as guerras travadas entre ciência e religião, aqui, Bacamarte faz questão de reconhecer o poder divino, porém, associado aos seus mestres. Em outra passagem, o alienista demonstra certo cuidado ao lidar com Catolicismo:

Como fosse grande arabista, achou no Corão que Maomé declara veneráveis os doidos, pela consideração de que Alá lhes tira o juízo para que não pequem. A ideia pareceu-lhe bonita e profunda, e ele a fez gravar no frontispício da casa; mas, como tinha medo ao vigário, e por tabela ao bispo, atribuiu o pensamento a Benedito VIII, merecendo com essa fraude aliás pia, que o Padre Lopes lhe contasse, ao almoço, a vida daquele pontífice eminente (MACHADO DE ASSIS, 1988, p. 04).

Trata-se de uma disputa velada pelo poder. Enquanto os revoltosos se expõem contra o inimigo sem nenhum plano ou estratégia definida, a guerra entre o alienista e o padre é silenciosa, mas eficiente e cordial. Mesmo quando Bacamarte resolve trancafiar o padre na sela, as demonstrações de respeito pelo novo louco não são abaladas. Por sua vez, o padre nunca chega a confrontar diretamente seu algoz, o que fica claramente demonstrado no trecho a seguir em que o padre vai se queixar com a esposa do médico:

— A propósito da Casa Verde, disse o Padre Lopes escorregando habilmente para o assunto da ocasião, a senhora vem achá-la muito cheia de gente.

— Sim?

— É verdade. Lá está o Mateus...

— O albardeiro?

— O albardeiro; está o Costa, a prima do Costa, e Fulano, e Sicrano, e...

— Tudo isso doido?

— Ou quase doido, obtemperou o padre.

— Mas então?

O vigário derreou os cantos da boca, à maneira de quem não sabe nada ou não quer dizer tudo; resposta vaga, que se não pode repetir a outra pessoa por falta de texto. D. Evarista achou realmente extraordinário que toda aquela gente ensandecesse; um ou outro, vá; mas todos? Entretanto custava-lhe duvidar; o marido era um sábio, não recolheria ninguém à Casa Verde sem prova evidente de loucura.

— Sem dúvida... sem dúvida... ia pontuando o vigário.

(MACHADO DE ASSIS, 1988, p. 15)

Temos, dos dois lados, um discurso cuidadosamente elaborado à luz das instâncias que o regulam. Ao testar os conhecimentos do padre, o alienista sagra-se silenciosamente vitorioso, pois se certifica de que possui o poder do conhecimento, o que o faz experimentar uma sensação de supremacia em relação ao religioso, que por sua vez, também experimenta tal situação, pois acredita que enganou o estudioso. Ou seja, a noção de poder é relativa, pois depende do contexto ou da visão de cada um dos indivíduos envolvidos. Além disso, existe o aspecto contextual está presente em todas as ações: enquanto a ciência se reforça pela prática da razão, o discurso religioso se consagra pelos dogmas, pela supranaturalidade. Isso é possível porque

[...] as formas simbólicas estão inseridas em contextos sociais estruturados que envolvem relações de poder, formas de conflito, desigualdades em termos de distribuição de recursos e assim por

diante. Essa dupla ênfase define o que eu chamo de “concepção estrutural” da cultura. Fenômenos culturais, dentro dessa visão, podem ser vistos como *formas simbólicas em contextos estruturados*; e a análise cultural pode ser vista como um estudo da constituição significativa e da contextualização social das formas simbólicas (THOMPSON, 2007, p. 22).

Percebemos, portanto, que as discussões aqui presentes propõem um olhar relacionado ao contexto em que a narrativa machadiana aqui estudada se passa. Esse olhar tende a ser plural, uma vez que objetivamos refletir acerca da diversidade dos elementos discursivos presentes no conto. Observamos que as relações sociais se transformam constantemente revelando o que Machado em outro conto, “Missa do galo” (2005), definiu como a eterna contradição humana, pois o homem construído pela narrativa machadiana, nas mais variadas representações nunca é previsível ou linear. Todos os indivíduos destacados assumem uma postura definida, mas em outro momento agem ou pensam de modo diferente. Aliado a isso, temos as instâncias políticas e as relações de poder, as quais norteiam praticamente todos os atos discursivos descritos no conto. Conforme ilustra Linda Hutcheon (1991, p. 235): “o discurso é ao mesmo tempo um instrumento e um efeito do poder”. Em outras palavras, o discurso pode ser entendido como processo e consequência do poder. No conto, isso é verificado pelo fato de que ainda que tenham ocorrido sucessivas alternâncias de governo em Itaguaí, o poder público sempre apoiou o alienista. Nesse caso, vale a legitimidade do discurso científico:

O discurso não é uma entidade estável e contínua que possa ser discutida como um texto formal fixo; por ser o local da associação entre o poder e conhecimento, ele vai alterar sua forma e sua relevância dependendo de quem está falando, da posição de poder dessa pessoa e do contexto institucional em que o falante esteja situado (FOUCAULT *apud* HUTCHEON, 1991, p. 235).

Portanto, mesmo questionado por seu comportamento pelos moradores de Itaguaí, o alienista sagra-se vencedor, porque ocupa a dita posição privilegiada, isto é, após vários confrontos, ele mesmo decide internar-se na famigerada casa verde, e a população é convencida pela justificativa do personagem, como sempre aconteceu, demonstrando que o discurso legitimado vale mais do que quaisquer outras formas de discurso.

Referências

CANCLINI, Nestor Garcia. **Diferentes, desiguais e desconectados**. 2ª ed., Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 3ª ed. São Paulo: Papirus, 2003.

CHARTIER, Roger. **A história cultural** – entre práticas e representações. Rio de Janeiro: DIFEL, 1988.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo, história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Papéis avulsos**. Edição eletrônica. S.I., Costa Flosi, 1998

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **História sem data**. São Paulo: Ática, 2005.

THOMPSON, JOHN B. **Ideologia e cultura moderna**. Petrópolis: Vozes, 2007.